

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo
2022

moralidades
CONVERSAS
amoralidades
SOBRE
imoralidades
ÉTICA

3halina macedo leal



MÓDULO I

TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE
VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS.
DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?

moralidades **CONVERSAS** amoralidades **SOBRE** imoralidades **ÉTICA**

3 Thalina macedo leal

A MORAL É MASCULINA?
– TUDO COMEÇOU COM ADÃO?...
As morais femininas, LGBT, queen...

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE
PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

GERENTES
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa
de Araújo Nogueira ARTES GRÁFICAS Hélcio
Magalhães

EQUIPE SESC
Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Maurício
Trindade da Silva, Rafael Peixoto,
Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão
Brésio

**MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:
CONVERSAS SOBRE ÉTICA**

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS
André Luiz dos Santos, Branca Jurema
Ponce, Christian Dunker, Eliane Potiguara
Halina Macedo Leal, Nilton Bonder, Renato
Janine Ribeiro, Renato Nogueira e Ricardo
Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leal, Halina Macedo
Moralidades, amoralidades, imoralidades
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 3 /
Halina Macedo Leal. -- São Paulo : Centro de
Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina
de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2022.
PDF.
ISBN 978-65-87592-04-6
1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-100225

CDD-171.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Onde a ética começa, e onde ela termina? Podemos tratar da moral no singular?

Pensar acerca dos temas da ética e da moral suscita as mais diversas questões, as quais por vezes não serão sanadas a contento. Se nosso tempo se apresenta como uma rede de complexidade, na qual nos deparamos com diferentes articulações morais e princípios éticos postos à prova, o ciclo **Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética** apostou na relação do diálogo para expor e problematizar algumas destas interrogações, objetivando mais mobilizar o olhar crítico e autocrítico sobre nosso próprio fazer e agir socialmente, do que ofertar respostas prontas, ou defender teses conclusivas sobre qual a ‘melhor’ ética a se seguir, ou em qual moral devemos nos refugiar.

Partindo das perguntas-chave mobilizadoras que nomearam cada encontro, e com mediação da educadora Terezinha Azerêdo Rios, pesquisadores, pensadores e artistas de diferentes formações acadêmicas, campos de atuação e

territorialidades foram provocados a expor seus pontos de vista acerca do interminável tópico que é o da ética e suas leituras no contemporâneo, bem como sobre os modos de re-pensar as moralidades a partir de outras óticas, mais ampliadas, heterogêneas e inclusivas. Promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), o ciclo ocorreu de junho a agosto de 2021, de modo on line, e esta publicação reúne o resultado de sua transcrição, como forma de amplificar e compartilhar as reflexões realizadas. Uma boa leitura.

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo

Apresentação

Esta série de encontros - “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética” – foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Sabrina da Paixão Brésio e Andréa de Araújo Nogueira. Queremos agradecer a todos os palestrantes por terem aceitado o nosso convite e prestar uma homenagem especial ao professor Roberto Romano, que deveria estar conosco no Encontro 4, no dia 29 de agosto de 2021, para falar sobre “Ética, Política e Economia - As relações de poder, os sistemas de governo. Os sistemas econômicos, as teorias”. Uma semana antes, no dia 22, fomos tristemente surpreendidos pela sua morte.

Homenagem ao professor Roberto Romano, um intelectual de primeira grandeza.

A morte do professor Roberto Romano deixou um vazio neste momento da história do Brasil. Era um defensor do ensino público, da ética, das políticas de inclusão nas universidades e da justiça social no país. Sua erudição e sua presença, tão necessárias, farão muita falta. Mas sua obra estará presente permanentemente em qualquer referência ao conhecimento reunido sobre história, política, filosofia e economia de nosso país.

Roberto Romano era graduado pela USP (1973) e fez doutorado em filosofia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França (1978). Era considerado uma das referências no país ao tratar de temas como ética, democracia, direitos humanos, ciência política e universidade pública. Além disso, foi autor de vários livros, entre eles *Igreja contra o Estado*, *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo* e *Razão de Estado e outros estados da razão*.

ESTRUTURA DO CICLO

MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO,
CURADORIA
Fernando Rios
Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA
Terezinha Azerêdo Rios

MÓDULO I TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS - DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?

A ética começa quando
entra em cena o outro.
UMBERTO ECO

Reflexão sobre a diversidade
presente nas sociedades, no que diz
respeito às construções morais, com
o propósito de apresentar visões
diferentes, não para confrontá-las,
mas para apontar as contradições,
os conflitos e as possibilidades de
diálogo entre elas.

Toda ética digna deste nome parte da vida
e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.
FERNANDO SAVATER

ENCONTRO 1 / 10.06.2021

Apresentação do módulo
A MORAL É OCIDENTAL? – TUDO
COMEÇOU NA GRÉCIA...?
As morais dos povos antigos, a moral
dos orientais, a moral africana, a
moral pré-socrática.
Convidado:
Renato Janine Ribeiro

ENCONTRO 2 / 17.06.2021

A MORAL É BRANCA? – TUDO
COMEÇOU SEM MELANINA...?
As morais negras, as morais
indígenas...
Convidado:
Renato Nogueira

ENCONTRO 3 / 24.06.2021

A MORAL É MASCULINA? – TUDO
COMEÇOU COM ADÃO...?
As morais femininas, LGBT, queen...
Convidada:
Halina Macedo Leal

ENCONTRO 4 / 01.07.2021

A MORAL É BURGUESA? – TUDO
COMEÇOU COM O PATRÃO...?

A moral da classe trabalhadora

Convidado:

Ricardo Antunes

No fechamento do módulo,
defenderemos a ideia de que, no
campo da Ética, tudo começa – e
segue – com todos!

MÓDULO II.

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

O mais belo do mundo seria fazer-se o que se
sabe e pode

para que a vida de todos seja melhor.

VALTER HUGO MÃE

Articulação entre a ética e os
diversos campos do conhecimento
e do agir social, refletindo sobre
as suas fronteiras e as inúmeras
pontes que podem ser construídas
no sentido de ampliar os olhares e os
pontos de vista.

ENCONTRO 1 / 08.07.2021

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica,
os métodos. As especificidades das
ciências: exatas, biológicas, humanas.
Bioética.

Convidado:

Christian Dunker

ENCONTRO 2 / 15.07.2021

ÉTICA E RELIGIÕES

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder a questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

Convidado:

Nilton Bonder

ENCONTRO 3 / 22.07.2021

ÉTICA E ARTES

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade

Convidada:

Eliane Potiguara

ENCONTRO 4 / 29.07.2021

ÉTICA E EDUCAÇÃO

A educação como construção da humanidade. A instituição escolar.

As políticas educacionais. Desafios e perspectivas.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

ENCONTRO 5 / 05.08.2021

ÉTICA, MORAL, EDUCAÇÃO.

CONVERSAS SOBRE O CICLO.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

ROBERTO ROMANO.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

OFICINA DE PERGUNTA, CONSULTORIA E ASSESSORIA LTDA.
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO.

sabrina da paixão brésio

Introdução

Este ciclo é mais uma ação do Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo, uma unidade voltada à reflexão crítica e à produção de conhecimento nos campos da educação, arte, gestão e mediação cultural. Convidamos você a conhecer a [Revista do CPF](#), disponível gratuitamente no site do Centro, composta por artigos temáticos e estudos especiais. Acompanhe também a série de lives que acontecem às terças, quintas e sábados, às 16 horas, no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#).

Continuamos aqui a publicação das palestras do ciclo “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética”, Módulo 1, que aconteceu nos dias 10, 17 e 24 de junho e primeiro de julho de 2021, às quintas-feiras, das 19 às 21 horas, e que tem como tema: “Tempos e espaços de criação de valores morais e princípios éticos - dominação ou pluralidade?”

Neste terceiro encontro, convidamos a professora e filósofa Halina

Macedo Leal para apresentar e debater o tema: “A moral é masculina? Tudo começou com Adão...? As morais femininas, LGBT, queer...” Tenho o prazer de apresentar a mediadora dos encontros, a professora Terezinha Azerêdo Rios. Terezinha é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Filosofia da Educação pela USP. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra a ela para a apresentação da nossa convidada e para o início de nossa conversa.

terezinha azerêdo rios

A moral é normativa; a ética é reflexiva.

Temos feito uma pequena retomada logo no início, para as pessoas se certificarem de como tem sido o nosso caminho e para podermos ir adiante. O título deste ciclo é “Conversas sobre Ética”. A ideia é conversar, dialogar, e lá no início dizíamos: “Não há diálogo do mesmo; o diálogo se faz na diversidade, na diferença”. No dia 14 de junho de 2021, a escritora feminista Chimamanda Adichie esteve no programa Roda Viva da TV Cultura e muita gente, na certa, conhece um dos seus vídeos da série TED que viralizou na internet, em que ela fala sobre o perigo de uma única história. É um pouco para afastar esse perigo que estamos realizando esta série de encontros. São muitas histórias, múltiplas, e é preciso que a gente olhe para elas, traga para a nossa conversa, para que haja realmente essa perspectiva do diálogo.

Perguntávamos: “Conversar para quê?”. E respondíamos: “Para ampliar o saber, para ampliar a vida”. É

nesse sentido que levamos adiante a nossa conversa. Volto a dizer: conversar para ampliar a vida. No encontro anterior, fizemos referência a uma afirmação de Fernando Savater. Ele diz que toda ética digna desse nome parte da vida. Mas não de uma vida qualquer, dizíamos nós. De uma vida boa. Mais ainda: de uma vida boa para todos. É com essa intenção que trouxemos neste módulo algumas provocações. Dizemos que a moral é esse conjunto de prescrições que orientam a nossa vida em sociedade. Portanto, há múltiplas morais e essas prescrições se transformam no decorrer do tempo, variam de sociedade para sociedade. A ética vai aparecer exatamente como uma reflexão sobre essa moralidade, um olhar crítico sobre a moralidade. Olhar crítico: a intenção de ver claro, ver fundo, ver largo, ir além do senso comum, ir além daquilo que se oferece apenas à aparência. Vi em um livro de Márcia Tiburi, a propósito dos feminismos, algo que

parece confirmar aquilo que falávamos. Ela diz: “A moral é aquilo que está dado como se fosse verdade; a ética é a chance de inventarmos nós mesmos um outro mundo necessariamente a partir do pensamento crítico”. É essa a intenção.

A moral é normativa; a ética é reflexiva. Por causa disso, perguntamos pelas diversas morais. Começamos perguntando pela moral: “Será que ela é ocidental?” “Será que ela seria branca?” Os professores Renato Janine Ribeiro e Renato Noguera nos ajudaram na conversa. Vimos como há mesmo a perspectiva de uma luz maior jogada sobre o ocidente, sobre o branco, e hoje trouxemos a professora Halina Macedo Leal para nos ajudar a responder a terceira provocação: “A moral é masculina? Será que tudo começou com Adão?” Vamos falar na perspectiva da transgressora companheira de Adão.

Halina é doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Fez um estágio na Universidade de Stanford, na Califórnia, e um pós-doutorado em Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná

– Unioeste, Campus Toledo. É professora na Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB e líder de um grupo que se chama Genera – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Gênero, Raça e Poder. Só pela indicação do currículo, já temos uma expectativa do trabalho, da contribuição rica que Halina pode trazer para nós. Então, você, Halina, tem a palavra, com o nosso agradecimento, a nossa alegria por você poder estar aqui conosco e nos ajudar a levar a conversa adiante.

3

halina
macedo
leal



O pensamento eurocêntrico é branco, masculino e patriarcal. Nessa sociedade patriarcal com o homem no centro, a gente vai ter relações assimétricas entre o masculino e o feminino. Isso significa o homem detendo o poder dentro dessa sociedade; esse homem sendo o centro dessa sociedade patriarcal. E nessa assimetria entre masculinidade e feminilidade, entre o masculino e o feminino, entre o homem e a mulher, a gente tem que se questionar: “É assim? Deve ser assim? É necessariamente assim? As relações estabelecidas têm que ser assim, com essa relação de poder, com o poder sendo atribuído aos homens?”.

halina macedo leal

Um pensamento eurocêntrico branco e masculino

Obrigada. Boa noite a todas e a todos. É um grande prazer estar aqui. Quero agradecer muito ao Fernando, à Terezinha, à Sabrina, agradeço o convite e, antes de iniciar minha fala com essa provocação, gostaria de dizer que, quando fui convidada, quando recebi a mensagem, quando me convidando para falar, já com essa pergunta na mensagem, se a moral é masculina e se tudo começou com Adão, eu levei um susto. Perguntei para mim mesma: “Por que eu falar de moral?”

Sou professora de Filosofia, tenho a minha formação até o pós-doutorado em Filosofia da Ciência. No pós-doutorado, comecei a trabalhar questões de ética e moral, mas, claro, sempre na Filosofia. Eu refletia a respeito desses temas, mas não sou uma especialista, por assim dizer.

E tem um outro ponto, um outro lado da minha formação, que aconteceu depois do pós-doutorado, que é a questão de gênero, feminis-

mo, feminismo negro. E aí pensei: “Talvez tenha sido por esse caminho”. Mas, mesmo assim, fiquei pensando: “Essa pergunta é muito direta, essa pergunta me fez olhar todo esse percurso, sejam as reflexões, seja a própria ética, a moral, sejam as reflexões a respeito de gênero, sob outra ótica. Então, essa provocação me enriqueceu e espero que eu possa apresentar aqui um pouco disso que pensei e mostrar esses novos caminhos que estou percorrendo dentro das questões de gênero ou dentro das moralidades, das imoralidades e amoralidades. Quero mais uma vez agradecer a provocação”.

A Terezinha já colocou coisas na introdução com relação à própria questão da moral e da ética. É a partir daí que quero falar. Quando a gente fala de moral, do que estamos falando? A gente está partindo de onde? Tanto a moral quanto a ética dizem respeito a valores, regras, princípios de ação,

de condução das nossas ações, de avaliação do que é certo e errado, mas a moral diz respeito a quê? Diz respeito a valores, regras, normas de comunidades específicas, de contextos sociais específicos. E comecei a olhar qual é a nossa comunidade, qual é essa sociedade, quais são as relações estabelecidas no nosso contexto social e o que é o nosso contexto social.

Pensando um pouco e até relacionando com os outros questionamentos, o que a gente tem? Bom.... A moral é ocidental? A moral é branca? A moral é masculina? Com referência a que contexto social estamos perguntando isso? E, ao olhar para isso, o que a gente vê? Toda a nossa influência ou a naturalização de determinados valores, que são valores muito bem situados, e que a gente pode denominar de pensamento ocidental, esse pensamento que é hegemônico, ou se toma como hegemônico. Mas ele é bem situado, bem consolidado. É o que a gente costuma denominar de “colonialidade”, em uma perspectiva de reflexão a respeito do colonialismo, do pensamento eurocêntrico. E esse pensamento

eurocêntrico é branco e masculino.

Esse pensamento eurocêntrico, com essa origem, ou essa relação que a gente pode fazer bem próxima com a modernidade, se refere ao ser humano como homem e à universalização desse conceito. Tudo que se constrói a partir dessa perspectiva é disseminado como universal, como a norma, como o correto, como tudo aquilo que deve ser seguido. E junto com isso, a gente identifica o quê? A gente vai identificar valores de uma sociedade patriarcal. E o que é essa sociedade patriarcal? Essa sociedade patriarcal é a sociedade em que o homem é a referência, o homem é a autoridade, as normas são feitas por homens, as regras, os valores são estabelecidos a partir da masculinidade. E a gente reproduz isso.

Nessa sociedade patriarcal com o homem no centro, o que a gente vai ter? A gente vai ter relações assimétricas entre o masculino e o feminino. O que significam essas relações assimétricas entre o masculino e o feminino? Significa o homem detendo o poder dentro dessa sociedade; esse homem

sendo o centro dessa sociedade patriarcal. E, nessa assimetria entre masculinidade e a feminilidade, entre o masculino e o feminino, entre o homem e a mulher, a gente tem que se questionar: “É assim? Deve ser assim? É necessariamente assim? As relações estabelecidas têm que ser assim, com essa relação de poder, com o poder sendo atribuído aos homens?”

E quando refletimos a respeito disso, começamos a perceber que tudo isso é construído, tudo isso é uma construção social. A partir dessa perspectiva de construção social é que a gente tem (e que surge, na década de 70, a partir dos movimentos feministas), a noção de gênero para distinguir, no sexo biológico, o que é construído socialmente e o que tem dimensão biológica. E é aí que precisamos prestar atenção em todas essas construções: a construção social no que se refere aos papéis atribuídos ao que é denominado masculino e feminino. Em uma sociedade patriarcal, temos papéis que são atribuídos ao masculino e ao feminino, e esses papéis não dizem respeito necessariamente a uma nature-

za masculina ou feminina; dizem respeito ou são decorrentes dessas relações desenvolvidas numa sociedade patriarcal.

O ESTUPRO COMO UM ATO EXTREMO DE PODER MASCULINO

Quando se fala nesses papéis que são construídos, estamos falando do que se espera do masculino e do feminino. Em uma sociedade patriarcal, o que se espera do homem? O que se espera da mulher a partir dessas relações assimétricas? Quais são os papéis atribuídos ao feminino e ao masculino? Nesta nossa sociedade, a partir dessa construção, temos a construção de masculinidades e feminilidades. Quando se fala nessa questão de atribuição de papéis, é aquilo que a gente comenta: menino veste azul, menina veste rosa; menino se senta de determinada forma, menina se senta de outra forma; menino se comporta dessa forma, menina se comporta de outra forma. Isso são construções, mas são regras, normas que conduzem as ações e as relações na sociedade -- nessa sociedade da qual a gente faz parte. E quando a gente olha para isso, eu acho que é

muito importante conseguir entender o quão difícil, muitas vezes, é para quem está subordinado a determinadas regras, como é o caso das mulheres, ter que seguir determinadas regras, regras que correspondem a quem está no centro, no poder, na autoridade; regras que colocam as mulheres, as meninas, em determinado lugar, regras que dizem como elas devem ser, como devem se comportar, de acordo com expectativas, muitas vezes expectativas masculinas.

E isso leva a quê? Muitas vezes leva a situações inclusive de violência, seja de violência psicológica ou violência física ostensiva. As mulheres que não se enquadram nas expectativas masculinas sofrem; e mesmo as mulheres que se enquadram nas expectativas masculinas também sofrem. Mulheres que vivem na nossa sociedade, para agir de forma autônoma, para poderem agir e se posicionar dentro da nossa sociedade, muitas vezes, sofrem violência. Esta sociedade patriarcal, com a moralidade masculina, violenta o gênero feminino, dita regras que violentam o gênero feminino de distintas formas, e violentam de

tal maneira que, muitas vezes, as próprias mulheres reproduzem as violências dessa moral ou dessas morais masculinas. Essa construção social está tão naturalizada, tão enraizada, que a gente diz: “É assim mesmo”.

Então, como devemos olhar para tudo isso? A gente deve, antes de mais nada, olhar para tudo que nos cerca, refletir sobre como tudo isso se estabelece, como essas relações se realizam, e identificar essas relações que muitas vezes são violentas. Aqui parece que estou generalizando algo, mas a gente pode inclusive trabalhar com dados de violência contra a mulher. E aqui quero trazer um exemplo dessa ideia de como deve se comportar a mulher ou como questionar essa moralidade masculina que leva a situações de violência, violência justificada pela própria moral estabelecida.

A Rita Segato, uma antropóloga argentina e feminista, fez uma pesquisa, um estudo com estuprodores, e o que chamou muito a atenção dela foi que esses homens, condenados por estupro, justificavam o crime, porque assumiam o

estupro como um ato moral, moralizador, ato corretivo em relação a uma pessoa que não estava seguindo determinadas normas. Esse ato corretivo está fundamentado num tipo de moral existente nessa sociedade em que há essa dominação masculina e que o homem se sente no direito de possuir o corpo da mulher, de dominar esse corpo, de achar que esse corpo lhe pertence e que essa mulher deve fazer aquilo que ele quer.

Então, é um ato de poder. O estupro é um ato de poder, é um ato extremo de poder sobre as mulheres. E fiquei pensando: mas a gente precisa ir muito longe com relação a essa questão do estupro como ato moralizador, um ato corretivo, um ato que, enfim, decorre dessa moral masculina? E a gente não precisa ir muito longe ou não precisa pensar nessa violência ostensiva; a gente pode ouvir algumas pessoas que simplesmente dizem: “Mas aquela mulher estava andando àquela hora, naquela rua, com aquela roupa”. Quando alguém diz isso, o que está expressando? Que essa mulher não deveria andar com essa roupa, a essa hora, naquela rua. Está se

dizendo... está se apontando o que a mulher deve fazer a partir de uma perspectiva moralizadora, sim, de uma tentativa de controle do corpo feminino, do controle das ações desse indivíduo feminino.

Essa é a nossa sociedade. A sociedade em que a gente vive, e que a gente pode dizer, essa sociedade, esses determinados valores, princípios, regras e normas caminham lado a lado com essa perspectiva de ocidentalidade, eurocentrismo, branquitude, opressão de gênero, machismo e sexismo. Essa é a sociedade na qual nos encontramos, em que pensar que uma mulher, de repente, é culpada por estupro ou que deve ser estuprada em função de “n” questões – e aqui Segato é bem incisiva, ela diz: “O estupro, por exemplo, não é uma atração incontrolável, é um ato moralizador, é um ato corretivo”. Essas situações, esses pensamentos que talvez surjam do que deve ser, como deve ser, que roupa deve usar, que cor deve usar, e que também incide sobre o outro lado, como deve ser o homem que reproduz o que denominamos masculinidade tóxica, devidamente naturalizada.

“SE GERA SENTIMENTO DE OPRESSÃO, A GENTE TEM QUE SAIR DISSO.”

Contudo, o que é naturalizado, essas normas, esses valores, essas regras, princípios, que fazem com que a gente pense e aja de determinada forma, embora sejam naturalizados, não são naturais, e esse é um fator importantíssimo. E se não são naturais, o “ser” não precisa “dever ser”. Dentro de um contexto de uma moral, e a gente pode falar dessa moral que estou identificando, até agora, como uma moral que é masculina dentro da sociedade patriarcal. Contudo, nós, enquanto sujeitos morais, podemos seguir ou não essas normas. Mas será que a gente deve ficar simplesmente nessa moralidade? Nós, enquanto sujeitos morais, podemos ir um pouquinho adiante e começar a refletir – e aí indo em direção ao que a Terezinha trouxe – criticamente, a respeito de tudo isso que está estabelecido. É nosso dever! Será que essas normas, será que essas regras, será que essa forma de eu considerar gênero, e aqui eu estou abarcando gênero masculino e feminino, embora com relação

ao gênero a gente possa trabalhar sob outras perspectivas; mas, neste caso que a gente está falando da opressão do gênero feminino, será que a gente não consegue tomar uma certa distância e refletir se isso realmente deve ser assim?

Se gera violência, se gera sofrimento, se gera esse sentimento de opressão para um dos gêneros, em algum momento, a gente tem que sair disso. Será que não? Em algum momento a gente tem que olhar para isso e desnaturalizar o que não é natural. Se está levando ao sofrimento, se está levando a essa assimetria, se está levando a essa reprodução de relações de poder, que não são nem um pouco positivas, a gente deve refletir criticamente a respeito disso e sair da perspectiva da moralidade e entrar em uma perspectiva ética. O que realmente é bom, mau, correto, errado? E a gente deve refletir a respeito disso não só a partir da nossa perspectiva, mas de todas as relações estabelecidas dentro desse contexto social do qual fazemos parte. Precisamos entender como tudo isso foi adquirido. E se isso tudo foi construído a partir de relações de dominação,

acredito que deve ser desconstruído. E a gente vai conseguir identificar isso refletindo criticamente a respeito de como essa sociedade é, de como as relações estão sendo estabelecidas dentro desse contexto social, de como as relações de opressão com relação ao gênero feminino estão violentando as mulheres. Objetivamente falando: por que estão aumentados os graus de violência, os índices de violência contra a mulher, os feminicídios? Isso aqui no nosso contexto, pensando bem localmente.

Quando falamos dessa reflexão crítica, de realmente confrontar esses valores estabelecidos, com relação a essas questões de gênero, ou com relação à sensação de opressão do gênero feminino, quem provoca essa reflexão, a partir de movimentos bem específicos, apontando questões bem específicas? São as mulheres, as mulheres feministas. Elas estão desenvolvendo, sim, essa reflexão; estão questionando essa moral estabelecida. Aí a gente começa a ver que, claro, quando se fala em movimento feminista, os movimentos feministas, os feminismos, considerando a parti-

cularidade do gênero feminino, a particularidade de nós, mulheres, esses movimentos vêm questionando todo esse conjunto de valores da sociedade patriarcal, que é a sociedade da qual a gente faz parte.

Os movimentos feministas, e eu os identifico como movimentos que estão realizando essa reflexão crítica e, portanto, estão propondo outras moralidades que permitam outros tipos de relação. Nesse caso, entre o gênero masculino e o feminino, denunciando as relações assimétricas, e não partindo do pressuposto de uma igualdade ontológica, reivindicando igualdade de condições, igualdade de oportunidades. A ideia é que, a partir das diferenças, possamos nós, mulheres, circular nesse contexto social sem essa relação hierárquica homem e mulher. Para que possamos circular em todos os ambientes sem medo de sermos violentadas, seja de forma ostensiva, seja não nos permitindo ascender, entrar ou ocupar determinados espaços.

É isso que se busca, é isso que as mulheres querem: estar em todos os espaços. E mais do que isso: é

importante a gente pensar que todos esses movimentos, com todas as diferenças que existem nos movimentos feministas ou nos vários feminismos, o que se quer não é a substituição de uma moral por outra, não é a substituição em termos de uma hegemonia ou de uma imposição de uma moral, tirando a moral masculina e, agora, a gente vai impor uma moral feminina. A ideia é que a gente possa conviver dentro desse contexto com oportunidades iguais, nos respeitando e respeitando as nossas peculiaridades, seja do gênero masculino, seja do gênero feminino, sem essa luta, sem esse embate, sem essa tentativa de impor algo, de dominar.

Quando tento responder, vamos dizer assim, essa ideia de se a moral é masculina, acho que a gente deve pensar da seguinte forma: qual é a narrativa que está vigente? Essa narrativa que ainda está vigente é masculina, e é masculina por quê? Porque atribui vantagens ao gênero masculino, atribui poder ao gênero masculino e mantém essas relações assimétricas. Agora, é possível desconstruir isso e construir uma sociedade em que a diversidade de

gênero – mas aqui, no caso, gênero masculino e feminino – seja respeitada. Muitos dos movimentos feministas, os feminismos, buscam isso, e por isso eu identifico aí a ética dentro dos movimentos feministas, porque, a partir do que está estabelecido, dessa moral estabelecida da sociedade patriarcal, se começou a refletir criticamente a respeito disso e pensar o contexto de relações em uma situação em que a gente possa se relacionar de forma equânime, simétrica, igualitária, e menos violenta para o lado que for.

Com relação a isso também – não vou me estender muito, depois a gente vai para o debate, para as perguntas –, não posso deixar de salientar, já que nas falas anteriores, tivemos a questão do ocidente, da branquitude, e do gênero, e nessa discussão do gênero, a gente pode ainda entrecruzar, vamos dizer assim, a situação das mulheres negras dentro dessa sociedade patriarcal, dessa sociedade que a branquitude se assume como hegemônica e que tem como centro essa ideia eurocêntrica ou um pensamento ocidental. E aí, em um desses tipos

de feminismos, é que a gente vai ter a postura crítica, dentro dos próprios movimentos feministas. Isso é maravilhoso também, porque demonstra uma tentativa de a gente não se ajustar, se acomodar ou achar que só isso está bom. É o próprio feminismo negro estabelecendo ou levantando o questionamento para os feminismos, para os movimentos feministas que não consideram a condição das mulheres negras nessa sociedade, porque se a violência ocorre, a violência de gênero é intensa sobre as mulheres, quando se cruza, nessa sociedade patriarcal, o racismo, essa violência incide de forma muito intensa sobre as mulheres negras.

É nesse sentido que mais uma vez a gente vai ter essa inquietação, a gente poderia dizer assim, essa reflexão a respeito dos valores estabelecidos, questionando essa moralidade masculina. E, tentando já me encaminhar para o fechamento, o que eu diria, respondendo à outra pergunta, se a moral é masculina? Tudo começou com Adão? Eu diria assim: talvez tudo tenha começado com a apropriação de uma narrativa e que envolve Adão, e a apro-

priação dessa narrativa pode servir, sim, à opressão do gênero feminino. Não sei o que o Adão tem a ver com isso, só sei que essa narrativa pode servir, sim, para uma moral masculina que oprime o gênero feminino. A minha reflexão vai muito nesse sentido, de a gente situar a nossa moral, conseguir entender como tudo isso é construído, conseguir entender como a gente naturaliza essas relações assimétricas, como a gente reproduz isso e o quão importante é a gente olhar para isso sob outra ótica, refletir criticamente a respeito disso e sair da moralidade, entrar no âmbito da ética para conseguir mudar a perspectiva dessa moral que é masculina, mas que não deve ser. Era um pouquinho do que eu tinha pensado para hoje.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

MACHISMO DE HOMENS E MULHERES

Obrigada, Halina. Obrigada por essa contribuição rica que você traz para a gente. À medida que você foi falando, fiquei pensando na perspectiva do gênero que vai além de

masculino e feminino, pensei naquela história de LGBTQ e os que vêm mais, porque a opressão não é apenas em relação às mulheres, mas a todos os indivíduos que rompem com os papéis que estão estabelecidos. Estou falando em uma orientação sexual mesmo. Queria te ouvir a respeito disso, porque você disse: “Eu não sei o que Adão tem a ver com isso”, mas a gente recorre muito à história de que Eva saiu da costela de Adão. Eu estava pensando aqui naquela música linda de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra, chama Maria Moita. Ele canta: “Deus fez primeiro o homem e a mulher nasceu depois; por isso é que a mulher trabalha sempre pelos dois” e vai adiante.

MARIA MOITA

Carlos Eduardo Lyra Barbosa / Vinicius de Moraes

Nasci lá na Bahia

De Mucama com feitor

Meu pai dormia em cama

Minha mãe no pisador

Meu pai só dizia assim, venha

Minha mãe dizia sim, sem falar

Mulher que fala muito perde logo seu amor

Deus fez primeiro o homem

A mulher nasceu depois

Por isso é que a mulher

Trabalha sempre pelos dois

Homem acaba de chegar, tá com fome

A mulher tem que olhar pelo homem

E é deitada, em pé, mulher tem é que trabalhar

O rico acorda tarde, já começa resmungar

O pobre acorda cedo, já começa trabalhar

Vou pedir ao meu Babalorixá

Pra fazer uma oração pra Xangô

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

É um pouco isso mesmo. Quando a gente fala em uma moral masculina, talvez a gente devesse falar em uma moral machista, que não é só de homens, é de homens e mulheres. O machismo é uma coisa que, é claro, é inventada ali para o papel masculino, mas que envolve homens e mulheres.

A gente, sem querer, sem ter consciência, assume atitudes machistas. Eu queria ouvir você, antes de a gente abrir para o grupo, a respeito dessa perspectiva da homossexualidade, da relação entre hétero e

homo que também vai beber nessa fonte do masculino e feminino. Os papéis são muito definidos, e os papéis da homossexualidade, na verdade, parecem, esses sim, não estabelecidos, porque se acredita que eles não têm que existir, na medida em que são transgressores efetivamente. Gostaria de ouvir você um pouquinho a respeito disso e aí a gente ouve os amigos que têm as suas contribuições.

HALINA MACEDO LEAL

“QUEM NÃO SE ENQUADRA NUMA CLASSIFICAÇÃO NÃO EXISTE.”

Um dos pontos que você aborda, trazendo a música, quando fala que é aquela história de Adão, é aquilo que eu chamo de narrativa, uma narrativa que é reproduzida, que é criada, por isso que falei: não sei de Adão, sei do que me contaram de Adão. E quem me contou fala a partir deste nosso contexto, dentro dessa sociedade da qual a gente faz parte.

Com relação à questão dos LGBTQIA+, o que a gente deve pensar? A própria questão de gênero,

o conceito de gênero surge nos anos 1970, a partir dos movimentos feministas, mas para quê? Para dar conta de uma diferenciação do sexo biológico para aquilo que é socialmente construído, e para questionar, vamos dizer assim, todos os papéis que são atribuídos aos gêneros, em princípio, gêneros masculino e feminino. Só que aí o que gente vê? Que essas narrativas ou essas construções já colocam as pessoas em caixinhas. E essas narrativas e essas construções que estou dizendo, que emergem da sociedade patriarcal, ao colocarem em caixinhas, realmente classificam e quem não se enquadra nessa classificação não existe.

Então, quando a gente fala dessa multiplicidade de gêneros dentro do nosso contexto, a gente tem que analisar o contexto da sociedade patriarcal, quais são as narrativas criadas que se transformam ou são naturalizadas. E, mais do que isso, quais são hegemônicas, quais se padronizam, e quem não se encaixa na norma, no padrão, não existe. Assim como ocorre a opressão com relação ao gênero feminino, vai ocorrer violência e opressão

a quem não se encaixa dentro do padrão da heteronormatividade, porque é disso que se está falando também: como devem ser as pessoas. Então, quando a gente fala de homossexualidade, de transexualidade, quem não se encaixar no padrão vai sofrer opressão.

O foco que eu trouxe aqui foi o gênero feminino, mas a opressão existe sobre aqueles e aquelas que não se encaixam no que é definido por uma certa moral hegemônica. É disso que se fala: a gente precisa olhar para essa moral, sim, que surge nessa sociedade e que oprime. Deve-se questionar, nessa sociedade, a multiplicação de violências para quem não está enquadrado nessa classificação, nessa moralidade. Agora, um ponto muito importante: a moralidade desta nossa sociedade patriarcal é heteronormativa, e se a multiplicidade de gêneros não se enquadra, então há opressão, violência.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Então não é só homem branco, é homem branco hétero, para acrescentar àquilo que você trazia. Sabrina, quem sabe a gente ouve

as perguntas, as observações das pessoas agora?

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

OS ESTEREÓTIPOS: AZUL OU ROSA?

Temos aqui uma primeira questão que o Mário (Mário Valle) colocou ainda enquanto a Halina estava falando no primeiro momento, que reforça até um pouco o que a gente estava falando antes do início da mesa, sobre as questões da divisão de gênero na parte de símbolos mais marcados. Ele escreveu: “Vejo frequentemente nas redes sociais eventos realizados por famílias para revelar o sexo biológico de um bebê que está por vir. No ápice dessa manifestação, no momento da revelação, surgem os balões azuis ou rosas. Pronto, está atribuído o papel de gênero a esses indivíduos que ainda nem estão no convívio dessa família. Ela ou ele, ou seja, lá como se reconhecer, terá que responder a esse chamado com pouca ou nenhuma chance de argumentação. Aí eu pergunto: como sair disso? Como quebrar esse ciclo, considerando que essa sentença está dada?” Isso também acaba

resvalando nessas questões, nessas fluidez de gênero que temos hoje. Depois posso colocar as demais questões aqui do chat, se a Halina quiser responder a essa primeiro.

HALINA MACEDO LEAL

É O SEXO QUE DETERMINA O GÊNERO?

Como sair disso? Vou tomar uma certa distância. Claro que essas crianças, em um determinado momento, enquanto crianças, ainda não vão ter a chance de dizer “não” a todas essas expectativas criadas sobre seus corpos, sobre suas formas de agir. Contudo, eu acho que a ideia de saída é a gente tomar uma certa distância e pensar: “Bom, é isso mesmo? É o sexo que determina o gênero?”. Acredito que esse debate tem que ser feito. Não é um debate que tem que ser feito em nível teórico. É a gente se colocar na situação enquanto pais, futuros pais, avós, mães e, enfim, é a gente pensar na multiplicidade, sair das caixinhas. E, claro, sempre que me perguntam como sair disso, sou muito otimista com relação às novas gerações, mas como a gente

vai fazer isso? A partir de uma perspectiva de educação, uma educação para a diversidade, uma educação que não condicione, mas que desde pequeno a gente consiga abrir esse espaço para que as crianças se mostrem, se manifestem. Não essa educação doutrinadora dominante.

Tenho esperança nisso, mas, claro, quando falo também de educação, a gente tem que educar os nossos educadores, e acho que a gente educa os nossos educadores falando dessas questões, pensando nessas questões e vendo os nossos próprios incômodos e limites com relação a isso. Agora, quando também trago isso, sei que é difícil, é uma situação bem difícil. E, no momento atual, a gente está passando por uma situação bem difícil. Aqui em Santa Catarina, o governador assinou um decreto que proíbe utilizar a palavra gênero nas escolas, trabalhar e utilizar a palavra gênero. O que a gente vai fazer com isso? Bom, a gente vai resistir a isso. Mas como sair?

E tem mais um ponto: a gente só vai sair a partir do momento em que a gente se der conta, tomar

consciência. E mobilizar os outros que também estão se dando conta dessas questões. Mas, para sair disso, é necessária uma educação para a diversidade, não uma educação castradora nem doutrinadora. Esse é um sonho que eu tenho, no qual acredito...

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

AZUL E ROSA SÃO SÍMBOLOS RECENTES

Perfeito. E só para pontuar, estávamos falando um pouco sobre isso antes do início, aqui no teste, e há tantas questões que também são tão permissivas, porque existe uma grande questão do mercado, porque há um lucro colocado sobre esses símbolos, quando colocam aqui a questão do chá de bebê, consumo. Existe todo um mercado e um lucro que se gera em volta desses símbolos e dos interesses dessa manutenção. Me lembro de ter lido uma reportagem que fala sobre de onde veio esse azul e rosa para meninas e meninos. Isso é absolutamente recente, a partir do momento que surgiu a ultrassonografia, então anos 1960, 1970.

Não se para pensar nem de onde veio essa imposição do rosa para as meninas, porque, até a virada do século 20, o rosa era uma cor, na Europa, designada a meninos. E tudo isso que a gente não coloca em discussão, não passa pelo crivo de porque é assim. A gente só recebe também a partir dessas propagandas e desse modo de viver, que é absolutamente recente.

DEIDADES MONOTEÍSTAS SÃO MASCULINAS

A Ana Maria (Ana Maria Salles Mariano) fez uma colocação enquanto vocês falavam sobre a narrativa de Adão. Ela pontuou aqui associando o machismo à religião, nos diversos monoteísmos: “Me parece que Deus é sempre homem. No cristianismo, Maria é a mãe de Deus, mas ela não participa da geração, ela apenas hospeda”, e aí tomo aqui também a liberdade de lembrar Fernando Pessoa, que diz que ela é uma mala, no Poema do Menino Jesus. Ela é só a hóspede para recebê-lo.

TRECHO DO “POEMA DO MENINO JESUS”,
DE FERNANDO PESSOA
*O seu pai era duas pessoas -
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque nem era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.
Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E que nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!*

Pode responder, depois eu falo a do Ismael (Ismael de Oliveira).

HALINA MACEDO LEAL

O MERCADO, A PROPAGANDA, O SISTEMA ECONÔMICO.

Antes de continuar, eu só gostaria de fazer uma observação com relação ao que você trouxe. Há toda uma indústria e talvez a gente tenha que refletir a respeito de todo o sistema que faz com que tudo isso seja atrativo. É a reprodução também do

sistema econômico, e que a gente tem que estar atento a isso, atentos e atentas, porque a gente é levado a partir desse sistema. As propagandas servem a esse sistema. Então é tudo muito atrativo, e se a gente não tiver um distanciamento sucumbimos. Precisamos questionar sempre: “Espera aí, será que é assim mesmo?”. Se não, a gente entra, a gente embarca mesmo. A gente tem que ter uma reflexão crítica a respeito de tudo que nos cerca, tudo que está sendo imposto à gente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Eu queria introduzir uma reflexão a partir da fala da Ana (Ana Maria Salles Mariano). Ganhei uma vez um ímã de geladeira em que estava escrito assim: “Quando Deus fez o homem, ela estava só testando”. Para descontar um pouco essa história do mito, para a gente lidar com isso. Será que passamos no teste?

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

INFELIZ EXEMPLO DE ATO MORALIZANTE

Vou fazer a pergunta do Ismael (Ismael de Oliveira) e, após a resposta da Halina para o Ismael, vou deixar o convite a quem quiser se manifestar. O Ismael faz uma pontuação também de um dos desfechos entre os quais, infelizmente, já estamos acostumadas a receber essa notícia. Hoje, um caso no litoral de São Paulo: um juiz inocentou dois PMs que cometeram estupro contra uma jovem em Praia Grande, dentro de uma viatura, porque a mulher não pediu socorro e nem reagiu. Por conta disso, não foi considerado estupro. E aí ele diz: “Como reagir em uma avenida de madrugada contra dois homens armados?”. Isso vem ao encontro de sua fala sobre os que entendem a violência contra a mulher como um ato moralizante, não é, Halina?

HALINA MACEDO LEAL

Uma sociedade estruturalmente racista e machista nos influencia. Sim. É uma coisa que, até enquanto eu estava falando, durante a minha fala me veio: quando digo que devemos atentar para os nossos pensamentos, a gente deve estar ciente de que vivemos numa

sociedade que é machista, sexista etc. Muitas vezes, reproduzimos, nem que seja só em pensamento, isso que está expresso na situação apresentada pelo comentário do Ismael. Passa pela cabeça da gente: “Mas o que ela estava fazendo lá? Por que ela não gritou?” Se a gente não se der conta de que talvez o primeiro pensamento possa ser mais rápido, possa ser só uma luz ali, depois a gente diz: “Não, mas que é isso? Está errado isso que eu estou pensando”.

Se a gente não se der conta de que, muitas vezes, reproduzimos – a gente não fala, mas a gente reproduz em pensamentos isso –, a gente não consegue desconstruir. Temos que ser honestas e honestos e dizer: “É isso mesmo, eu pensei isso”, porque eu me constituí dentro de uma sociedade estruturalmente racista e machista. Em um momento ou outro, eu reproduzo esse tipo de pensamento. A partir dessa consciência é que a gente consegue estar atento, atenta, a essa sociedade e o quanto essas violências estão internalizadas. É a partir disso.

Uma coisa que é muito importante: a gente identificar a construção ou a perspectiva estrutural seja do machismo, do sexismo, do racismo etc., e a gente pode ir adiante. Não significa que a gente vai se eximir de responsabilidade de se modificar e modificar a sociedade da qual a gente faz parte. Então acho que isso é muito importante.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

O QUE SIGNIFICA: “50 MULHERES, ELAS ESTÃO SOZINHAS!”

Já fizemos referência a uma fala bonita de Umberto Eco, que acho que marca o nosso caminho: “A dimensão ética começa quando entra em cena o outro”. Acho que é essa perspectiva da alteridade que tem que aparecer no caminho da educação. Queria ir ao encontro disso que você está falando, Halina. Quando fui fazer a minha dissertação de mestrado, eu quis trabalhar com o papel do professor e a desimportância com que muitas vezes ele é considerado socialmente. Embora no discurso se diga: “Sem professor este país não anda”, “Todos os gênios passaram pela

mão de um professor”, o que efetivamente se vê é um descrédito, um desinteresse administrativo e político, que leva a um sentimento de desmoralização. E aí pensei em questionar esse descrédito, pensando nas causas possíveis. Levantei uma hipótese: quem sabe é a partir da presença maciça de mulheres na área da educação? E enveredei pelo caminho da profissionalização feminina. Mas parei, segui outro caminho. Porém, enquanto eu fazia as minhas leituras, descobri um livro de um coletivo de mulheres francesas que dizia uma coisa muito boa. Tenho usado muito, alguns aqui já até me ouviram falar. A epígrafe do livro dizia: “Uma mulher caminha pela rua. Ela vai sozinha, dizem. Duas mulheres caminham pela rua. Elas vão sozinhas, dizem. Três mulheres caminham pela rua e vão sozinhas. E assim quatro, cinco, 20 mulheres. Quantas mulheres serão necessárias para não se dizer mais que elas estão sozinhas?”.

Eu achava isso da melhor qualidade, mas o que se constata é que é algo que mesmo nós, mulheres, repetimos... Fomos ao cinema, eu, René e Ana, sozinhas. Por quê?

Porque o Ismael não estava com a gente, porque Marcos não nos acompanhou. E a gente fala na maior tranquilidade. Agora, é uma questão de poder. Eu queria trazer por causa disso. Não é a questão do poder do homem, é uma questão do poder que foi determinado, que se atribui não apenas aos homens, mas aos adultos, aos professores, os caras dizem: “Temos que voltar para casa, porque deixamos as crianças sozinhas”. Seis crianças sozinhas! Ou o professor diz: “Vou voltar para a classe porque deixei os alunos sozinhos”. Cinquenta alunos sozinhos... Temos mesmo que pensar nessa ideia do poder para o qual você chama a atenção. Poder não é ruim; ele é ruim quando significa dominação, e é disso que você está falando.

HALINA MACEDO LEAL

Exatamente, falo de opressão.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Temos mais duas pessoas para fazer considerações: Ismael e o Marcelo (Marcelo Madarasz). Ismael, por favor. Depois o Marcelo.

ISMAEL DE OLIVEIRA

Obrigado. Com relação àquela questão da sentença, o que me assusta é que foi um Juiz de Direito que tomou essa decisão, uma pessoa da qual se espera um pouco mais de esclarecimento perante a sociedade, pelo menos se espera. Foi isso que me assustou mais ainda.

HALINA MACEDO LEAL

OUTRA VIOLÊNCIA JUDICIAL

Sabe, Ismael, aqui aconteceu um caso semelhante. Uma menina, que estava em uma festa em Florianópolis, sofreu estupro por um rapaz muito rico, filho de uma pessoa muito influente. Essa menina denunciou: eles doparam a menina, estupraram em um resort, Jurerê Internacional, numa das praias mais badaladas daqui. Essa menina foi em audiência, ela denunciou, estava no período da pandemia. O advogado que estava defendendo o homem que estuprou simplesmente trouxe cenas da menina dançando. Falou horrores para essa menina, uma violência tremenda, quase

dizendo que ela se colocou – isso que a gente está falando, esse tipo de narrativa – naquela situação, que ela era culpada. Foi tão violenta a forma como ele falou que essa menina foi violentada mais uma vez. Ela começou a chorar e o juiz que estava conduzindo simplesmente deixou isso acontecer. Todos os homens na audiência, ninguém, nenhum deles fez um movimento para parar com aquele horror, o que foi outra violência.

Isso foi muito comentado. Até próximo a este evento, tivemos um encontro no Genera – Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Gênero, Raça e Poder, com uma advogada, e o que ela me disse foi o seguinte: “É o Direito, esse ambiente é extremamente machista”, para não dizer outras coisas, racista, sexista. Foi um horror. A gente tem muito ainda que avançar.

É, então é isso, em distintos ambientes, em diferentes ambientes, é isso que acontece, infelizmente: a reprodução da violência.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Marcelo.

MARCELO MADARASZ

**UM JUIZ DOENTE EM
UM SISTEMA DOENTE**

Boa noite a todos. Halina, obrigado pela sua apresentação. Eu queria compartilhar com você uma coisa que me ocorreu. Primeiro, algo que me tocou muito e é curioso, conforme te ouvia, eu não conseguia parar de pensar nisso. Vou fazer um recorte da sua frase, quando você disse: “O estupro não é um ato de um desejo incontrolável, é um ato moralizador”. Acredito que, antes de a gente falar de um ato moralizador, devemos falar de um ato de alguém profundamente doente, algo extremamente patológico. Então, aquele juiz, por exemplo, do caso que você citou, de Santa Catarina, foi muito comentado aqui. Esse é um juiz doente em um sistema doente; o juiz do caso de São Paulo de hoje é doente. E aí você fala muito da necessidade de desconstruir algo e construir algo a partir desta desconstrução.

Sei que estou em um território

sagrado da educação, e aí Terezinha é uma das nossas mestras para isso, mas o que eu queria compartilhar com você é que vi um documentário semana passada de um psiquiatra chamado Gabor Maté. Ele é húngaro-canadense e o documentário causou um impacto em mim de uma maneira muito profunda. O documentário é Curando o trauma, e foi um documentário feito com pessoas que estão nas prisões, boa parte delas cumprindo penas perpétuas por conta de crimes muito hediondos, uma boa parte de drogaditos, pessoas que perderam absolutamente tudo, e uma outra parte de homeless.

O documentário fala do quanto o sistema está todo falho, porque enquanto a gente fala em punir essas pessoas ou até anterior à educação, existe a necessidade de se curar essas pessoas. Então, eu acho que tem um componente assim. Não sei exatamente como a gente pode inserir esse dado a mais, mas acho que mais do que falar de uma sociedade machista ou, a Terezinha fez uma correção, você primeiro falou em uma sociedade de moral masculina, e ela falou de

uma moral machista, eu acho que, mais do que falarmos disso, a gente está falando de uma sociedade que está muito adoecida e que a gente precisa, inclusive, para esse estuprador, para esse perseguidor, para esse que a gente coloca como o outro, que é o grande inimigo, e aí, Halina, pelo amor de Deus, eu não estou absolutamente defendendo, mas é que esse psiquiatra me fez desconstruir coisas a partir da necessidade de enxergar o outro como alguém muito doente e que, portanto, precisa de tratamento.

Acho que há um componente a mais que a gente pode inserir nesse elemento de educação de uma sociedade com a qual sonhamos, que é como se curam essas pessoas, como se curam essas feridas e aí, talvez, a partir dessa cura, a gente possa realmente ir para um outro patamar mais saudável e mais próximo daquilo com que a gente sonha. Não sei se eu fui claro no que falei, mas recomendo muito que vocês assistam a esse documentário, é da melhor qualidade, e desconstrói o modelo mental. É isso que eu queria compartilhar.

HALINA MACEDO LEAL

UMA SOCIEDADE CARENTE DE VALORES ÉTICOS

Obrigada. Duas coisas que até você retomou, que a Terezinha tinha dito, e que eu tinha esquecido de comentar, e aí depois já vou para o comentário da sua fala com relação à cura. Acredito que a gente só tem uma moral machista a partir de uma moral masculina, do estabelecimento de uma sociedade patriarcal. Se não houvesse isso, não haveria o machismo. O machismo é decorrente de uma relação assimétrica e uma relação de poder.

E agora falando, então, do machismo e do sexismo a partir dessa visão centralizada no homem, no masculino, e relação assimétrica. “Curando o trauma.” Aqui eu vou te confessar, Marcelo, tenho um grande problema em pensar – talvez vendo o documentário eu desconstrua isso e veja sob outra perspectiva – pelo viés pura e simplesmente da cura, acho que há casos e casos. Mas quando a gente olha para a sociedade no sentido mais amplo (tenho problema em

pensar), imagina que todas essas pessoas ou esses homens dentro desse contexto dos exemplos que a gente trouxe sejam doentes. Talvez a gente possa pensar em uma sociedade, e aí eu colocaria entre aspas, doente de uma ética, carente, mais do que doente, carente de valores éticos, carente de uma possibilidade de reflexão ética, porque senão a gente inclusive padroniza ou enquadra dentro dessa classificação atos, a reprodução de atos, relações de violência, dizendo que essas pessoas precisam ser tratadas, curadas.

Acho que a gente tem que analisar as relações como estão se estabelecendo, como essas pessoas estão construindo ou assumindo determinados valores morais, mas construindo ou não construindo uma perspectiva ética de não valorização do outro e como estão se percebendo dentro de relações que são relações de poder, em que medida reproduzem ou não isso. Tenho uma certa dificuldade, e aí é uma dificuldade minha, de enxergar isso como pura e simplesmente doença. Acho que há doença, doentes, alguns, mas não que todos, essa sociedade ou essas pessoas, esses

juízes sejam doentes. Não acredito nisso. Acredito que eles estejam no seu papel de privilégio e reproduzindo isso, esse seu olhar de privilégio, e isso, para mim, é uma questão ética profunda e que está enraizada na nossa sociedade. Um caso ou outro talvez, mas se a gente for reduzir a isso me incomoda um pouco. Mas vou olhar, vou assistir sim a esse documentário, talvez eu mude de perspectiva, não sei.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Vou colocar a pergunta da René (Renée Barata Zicman): “Há muito ainda a conquistar, mas os jovens atuais já não teriam tido avanços em relação a essas questões? Como você vê isso?”. Se a René quiser também abrir o microfone e complementar...

RENÉE BARATA ZICMAN

NOVAS GERAÇÕES: AVANÇOS NA SEXUALIDADE, MACHISMO E MEIO AMBIENTE.

Olá, boa noite a todos e todas. A pergunta é essa mesma. Tenho observado – claro que dentro de um

determinado recorte social, cultural –, e quando digo jovem, é jovem mesmo, 11, 12, 13 anos. Muitas dessas questões que hoje a gente aqui coloca, e reflete sobre elas, e vê como imenso desafio, para eles é resolvido. Eu estou exagerando, é claro que não é, mas eu, por vezes, ouvindo familiares, ou amigos, ou em outros contextos, essa questão toda da sexualidade, do machismo, dessa coisa binária, já se coloca de uma outra maneira e eles vivenciam grandemente, por vezes até já aconteceu comigo de dizerem: “Não, mas como assim? Todo mundo é bi”. É claro que eu tenho um recorte, mas vejo também que em outros ambientes, em outros grupos sociais, essa questão já se coloca de uma maneira diferente. Não estou querendo dizer que não há muito ainda a avançar, claro que há, mas acho que uma nova geração que chega, no Brasil e fora do Brasil, já coloca isso dentro de outra perspectiva...

Também o tema do meio ambiente, como, enfim, toda uma agenda que geracionalmente ainda há imensos desafios e conquistas, e preconceitos, e entendimentos, quero

perguntar a você se você percebe nessas novas gerações avanços nesse sentido.

HALINA MACEDO LEAL

A REPRESSÃO DO CONTEXTO

Obrigada. Percebo, com relação a questões de sexualidade, gênero, a não binaridade, o experimentar, isso percebo – e aí você fala a partir de um recorte. Só que eu vivo em uma cidade pequena no interior de Santa Catarina, onde 80% dos eleitores votaram no atual presidente. Então, ao mesmo tempo em que eu sou extremamente otimista com relação às novas gerações, que realmente eles percebem, eles trazem isso dentro de uma riqueza muito grande, a fluidez com que eles transitam, e isso é normal para eles, ao mesmo tempo, eles se deparam com pais que brecam o processo. Não só pais: aqui, no contexto em que eu me encontro, a escola tem os papéis de gênero muito definidos. As crianças e adolescentes vêm com essa riqueza, mas aí vêm os ambientes e dizem outra coisa.

Minha filha, quando tinha quatro,

cinco anos, dizia: “Mas por que a gente tem uma fila de meninas e outra de meninos?” E aí eu vi: o ambiente é assim. Então, ao mesmo tempo em que eu vejo que crianças e jovens têm essa tendência, já desconstruíram, não construíram – acho que é mais fácil isso – essas caixinhas, por uma imposição, dependendo do contexto. Mas onde eu me encontro é um pouco assim, por uma imposição social, os jovens até talvez experimentem, mas, no final das contas, se encaixam. Mas o que eu quero dizer é: identifico isso, já até conversei com amigas e mães de amiguinhos dos meus filhos, que é assim. Mas o modo como de repente esses pais vão reagir, a escola, a sociedade vai reagir, vai influenciar também um pouco no modo como esses jovens vão encarar isso na fase adulta.

RENÉE BARATA ZICMAN

A QUESTÃO GERACIONAL

SEMPRE EXISTIU

Em alguma medida, isso sempre foi assim, não é? Se a gente pensa mesmo em conquistas aqui, por exemplo, eu tenho amigos que

lutaram muito por muita coisa que hoje a gente já conquistou e que se tinha ali pais, famílias, as gerações anteriores também, enfim, assustadas, preocupadas, muitas vezes não incentivando quando não ali com algumas ações, inclusive, fortes. Para a nossa geração, isso foi muito claro. Mas vejo que assim são os avanços. Essa questão geracional se coloca hoje assim, talvez, em alguma medida, sempre tenha se colocado de alguma maneira assim.

HALINA MACEDO LEAL

TEMOS QUE ESTIMULAR, UM POUCO, O TRANSGREDIR.

Com certeza. Agora, tem que ser isso, mas também tem um ponto que eu acho que a sua geração é um pouco diferente da geração dos jovens de agora, porque tem uma coisa do embate, mas o embate a partir – eu não estou dizendo que os jovens hoje não reflitam – de um outro lugar, menos o lugar da experiência ou do hedonismo do que hoje em dia, porque o que eu vejo – eu tenho dois filhos na adolescência – é a experiência, mas não a luta ou a reivindicação

desse lugar na sociedade: é o experimentar. Acredito que temos que estimular também, um pouco isso, o transgredir. Mas o transgredir com vistas a mudanças sociais, não somente um transgredir com vistas ao “prazer individual”. Isso também tem que ser estimulado nos jovens hoje em dia, e eu não quero generalizar aqui, não estou dizendo que os jovens não têm isso, mas tem uma perspectiva hedonista, aquela coisa que “me interessa, porque me faz bem”. O que eu acho é que a gente tem que resgatar nesses jovens uma postura mais crítica diante das questões mais amplas, não somente experimentar a partir de “seu umbigo”. E aí entra de novo a questão da educação.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

O Ademir (Ademir Gomes de Oliveira) tinha levantado a mão para falar antes. Se quiser colocar agora, fique à vontade.

ADEMIR GOMES DE OLIVIERA

TEMOS QUE TER EQUILÍBRIO,
TEMOS QUE ENCONTRAR NOSSO
LIMITE. COMO?

Boa noite a todos. Parabéns à Halina pela grande palestra. Eu sou de formação mais cartesiana, eu tenho um certo grau de dificuldade para entender quando o pessoal começa a falar em filosofia, essas partes mais de pensamentos, como se diz, mas tenho uma reflexão: nós, seres humanos, a nossa formação lá de trás, nós éramos os homens das cavernas e cada um tinha a sua atribuição. Então, acho que temos no nosso DNA aquela evolução do ser humano. Então, quando a gente discute certos temas como neurologia, neurociência, enfim, vários assuntos, a gente começa a ficar cada vez – eu particularmente – mais desorientado, eu diria assim. Então, eu acho que a gente começa a ler muitos livros, muitos pensadores, e encontra poucas atitudes. Anotei aqui, quando a gente foi falando – primeiro, gostei, como o Marcelo falou ali, o estupro, ato moralizador, isso nunca me passou pela cabeça. Pensei que o estupro era um “taradismo”, e não um ato com aquela cabeça de moralizar, que ele estava vendo, que aquela pessoa que estava se expondo e estava usando roupas mais provocantes, ele foi lá e fez aquele ato

esdrúxulo e aterrorizador.

Mas a gente tem tantas coisas que envolvem o sistema, é o econômico, é o social, é a parte da manipulação, a comunicação. A comunicação nos torna fantoches, ela consegue penetrar, e eu estou falando da população em geral, não estou estratificando que seja de formação universitária, pós-graduada e ao mesmo tempo sem educação. Às vezes, quando você se apercebe, de tantas leituras, você começa a ver que você está sendo – desculpe o termo – emprenhado pelo ouvido de uma forma que você começa a ter até, quando vê, atitudes indesejáveis. E até se pergunta: que caminho é esse no qual estou? Para onde eu vou?

Então, fico pensando, falo com as pessoas, quando tenho oportunidade, falo, por exemplo, com uma fisioterapeuta, digo para ela: já estou em uma idade que tenho problema no ciático, problema na coluna, problema no braço. Qual é a origem desses problemas que estou tendo agora nesta minha idade? Lá atrás, quando me sentei no banco escolar – eu não tive jardim,

na minha época era primário, ginásio, clássico, científico, técnico em contabilidade –, então lá, quando eu estava no primário, alguém teria que me orientar como eu deveria me sentar de uma forma que, quando eu chegasse aos meus 60, eu não teria aquele problema no ciático, eu não teria aquele problema na coluna, eu não teria aquele problema no braço, e se eu fizesse tal e tal coisa.

É aí que quero chegar, que nunca tive aula – tive cinco anos de primário, quatro anos de ginásio e três anos de técnico; depois fiz cursos superiores – nunca tive aula de ética, de como devo me comportar perante o outro, aquela empatia, o que a professora Terezinha fala em várias palestras, que a gente não se preocupa com o outro, só se preocupa com a gente. Então está dentro da família e dentro da escola essa parte, que para mim é muito importante, a nossa formação, porque tanto faz qualquer período nosso, seja no meu lá em 1950, 1960, 1970, 2000, agora, 2015, 2021, porque a idade nossa e o período nosso vai ser diferente por causa da evolução.

Então, hoje, com a comunicação que está aí – ainda hoje assisti a uma palestra sobre criptomoeda, fiquei apavorado – para onde nós estamos indo com essa tecnologia, com essa sistemática? As coisas então estão fugindo de nós. Sinto que estou ficando tipo uma pena de pássaro, voando, não sabe para que lado está indo. É de acordo com o vento, sopra da esquerda ou sopra da direita, e nós estamos vivenciando isso dentro do país, essa polarização. A gente não está chegando a um consenso, a gente não está chegando a um equilíbrio. Não quero ser mais que a mulher, a mulher não quer ser mais que o homem, temos que ter equilíbrio, ninguém é mais que ninguém. Temos que ter equilíbrio. Temos que encontrar nosso limite. O meu limite vai até quando começa a liberdade do outro.

São essas coisas que fico pensando da minha forma cartesiana. Para mim, um mais um é dois, mas aí tem gente que fala: “Não, dois? Vamos pensar, para aí, dois era naquela época”. Desculpa eu tomar o tempo de vocês, mas eu tinha que falar, porque tenho essa dificuldade.

Daqui a pouco a Terezinha, que é douta nessa parte de filosofia, pode pensar: “Esse cara não sabe o que está falando”. Tenho essa dificuldade de internalizar essa parte teórica, vamos dizer. Quero muito a parte prática, e a parte prática é: por que me inscrevi aqui? Porque já assisti a algumas palestras da professora Terezinha, à sua não tinha assistido. Então, quero me provocar, porque, na minha parte machista, vamos dizer assim, eu estou deixando de assistir ao meu time aqui, o Colorado, Internacional, porque eu sou gaúcho, jogando contra o Chapecoense, está terminando o jogo e eu estou aqui. Vou ficar aqui ou eu vou assistir ao meu futebol? Porque eu adoro futebol. Então, abri mão de uma coisa de que gosto, que pratico, inclusive, para assistir a essa sua palestra, que para mim é muito mais significativa.

E aí é que está esse aspecto: quantas pessoas tem aqui? Estou vendo 17, nós chegamos a 35. Houve algumas desistências. Somos poucos. Achei que ia ter muito mais gente assistindo a isso, e como a gente faz? Aí eu vou provocar vocês, nessa parte: como a gente faz para

provocar o ser para que ele tenha essa abertura na sua mente? O que eu faço? Vou fazer um sorteio? O próximo evento aqui vamos precisar sortear uma Ferrari? Vamos sortear, mas o cara deve saber que é uma Ferrari, é claro, enfim. Entende, pessoal? É isso que eu gostaria de externar. Desculpa a minha abertura e transparência, e desculpa também a minha ignorância sobre o assunto. Obrigado.

HALINA MACEDO LEAL

**NÃO EXISTE PRÁTICA SEM TEORIA
NEM TEORIA SEM PRÁTICA**

Obrigada, Ademir. Você colocou várias coisas, vamos ver se eu dou conta de falar algumas delas. Acho que tem uma coisa que é muito importante: não é nem só a teoria nem só a prática, e talvez um dos motivos pelos quais você esteja aqui é que você já tem a prática e está buscando a teoria. E por que está buscando a teoria? Porque tem uma diferença muito grande entre o que o fisioterapeuta está fazendo e o que a gente faz quando a gente, por exemplo, quer determinar os limites. Isso é muito mais comple-

xo do que achar a origem da dor no corpo ou simplesmente na parte material de um corpo. Você mesmo trouxe aqui: tudo isso é muito complexo, e quando trago esses elementos, ou a própria Terezinha traz todas essas provocações, é para mostrar o seguinte: a gente tem que refletir sobre a nossa prática, e não pura e simplesmente pensar A ou B em cima de algo que é objetivo, porque as nossas relações não são objetivas, as nossas relações são complexas.

Não é fácil a gente delimitar o que é certo e errado, porque – aí você traz um elemento muito importante – a gente tem que se adaptar aos contextos, a gente tem que se adaptar às mudanças. Tudo muda constantemente, as situações estão aí e como a gente vai lidar com tudo isso, a partir daquilo que eu fazia lá atrás? A partir da minha prática lá de trás? Tenho que pensar a respeito disso, eu tenho que trocar com outras pessoas. Então sou, sim, professora de filosofia, mas sou – e a Terezinha já me conhece – uma estudiosa de bell hooks, e ela nos diz o seguinte: “Não existe uma teoria sem prática nem uma práti-

ca sem teoria, elas têm que andar juntas”. Então, tudo que a gente faz aqui, o que a gente reflete tem que ser aplicável na nossa vivência complexa, porque a nossa vivência, o estabelecimento de relações com outras pessoas dentro de uma sociedade que muda o tempo todo, a gente tem que dar conta disso, e não é A ou B, e você não precisa deixar de ser cartesiano, não precisa deixar de ser objetivo.

Não é só isso, mas eu acho que é extremamente necessário isso. E fico muito contente que você trocou o jogo do Inter por esta colorada. Então, vamos juntos, depois quero saber o resultado desse jogo. Mas acho que é isso.

Fechando: a gente precisa refletir sobre essas questões sim, porque não são fáceis de lidar, são extremamente complexas, e te respondendo, o que você mesmo já trouxe no seu questionamento. Então é isso, espero que faça alguma diferença, tudo isso que a gente está conversando, nas suas experiências, nas suas práticas, na sua objetividade.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Temos ainda questões, Sabrina? Estamos caminhando para finalizar.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Estamos há dez minutos para encerrar a nossa conversa. A Branca está aqui também com a mão levantada. Branca, se quiser colocar, por favor. E aí a gente já vai para os encaminhamentos também.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Bem-vinda, Branquinha.

BRANCA JUREMA PONCE

A FORMAÇÃO EM VALORES TEM QUE EMBASAR TODAS AS OUTRAS FORMAÇÕES

Minha querida, tudo bem? Halina, muito prazer, muito bom ouvir você. Parabéns pela sua fala e, dado o adiantado da hora, eu vou tentar ser breve para não gastar muito tempo. Olha só, as coisas aqui andaram por caminhos que se ligam. A sua luta, Halina, é uma luta ampla e ela se liga e se entrela-

ça com tantas outras lutas no que diz respeito à formação humana, quer dizer, a formação humana está aí e aí alguém aqui disse, no chat, e eu não gravei o nome, me perdoem, que estupro não tem a ver exatamente com sexo, tem a ver com poder, tem a ver com se sobrepor ao outro. Essa questão é muito mais ampla.

Theodor Adorno fez textos maravilhosos sobre educação, inclusive formação humana, que traziam a ideia, logo após o final da Segunda Guerra Mundial, da qual ele partia: era o que fazer para que as crianças, jovens, adolescentes, adultos, nunca mais produzissem essa barbárie que foi a Segunda Guerra Mundial. E nós estamos exatamente nesse momento: não queremos mais aquela barbárie, que ela, na verdade, se mostra aí, não só na questão de gênero, mas em outras tantas questões, e tudo é uma questão de poder, tudo é uma questão de embate com o outro.

E por que comecei a falar que foi muito agradável ouvir isso? É sempre muito bom a gente poder discutir as questões de ética que

nos colocam diante dessa questão maior. Na verdade, o que você me traz, que é muito importante e que se coloca lado a lado com a questão que a René traz. A René diz: “Os jovens já estão aí fazendo isso”, e você diz: “Mas eles não estão militando, eles não estão dizendo que tem que fazer, eles estão simplesmente fazendo”. E eu diria, entrando nessa conversa, que eles precisam aprofundar. Não estão resolvidos. Tenho experiências no seio da minha família com essa questão. Não é simples, e ela é uma questão que, se humanizada, é maravilhosa, porque ela produz solidariedade, ela produz amor, ela produz uma série de valores que a gente quer defender. Então, a questão posta na noite de hoje, para mim, é a questão da formação mais geral do ser humano. A formação em valores tem que embasar todas as outras formações.

E, nesse sentido, a fala do Ademir é muito interessante. Ele vai se formando e vai se integrando, é maravilhoso, Ademir. E é isso que eu queria dizer. Parabéns, muitos parabéns mesmo para a minha madrinha Tê, para a Halina. Boa noite a todos.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Branca. Sabrina, temos mais alguém?

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Passo a palavra para você, Terezinha, e para a Halina, para a gente ir para o encerramento.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

“E SE AS UNHAS ROESSEM OS MENINOS?”

Valeu a conversa, acho que mais do que o jogo, não é, Ademir? E é importante mesmo, acho que a conversa não acaba de jeito algum. Ficam rastros que a gente tem que seguir. Quero recuperar o caminho agora com a presença da Halina, pensando mesmo, retomando aquilo que eu disse: são provocações. Nós, no encontro anterior, fizemos referência a um belo texto de Jostein Gaarder, que diz que a gente não tem que se inclinar diante das respostas, mesmo muito inteligentes, porque elas nos fazem olhar para trás, para um caminho percorrido. Perguntas nos lançam para a

frente. Agnes Heller, uma filósofa húngara importante que tem trazido uma contribuição rica, especialmente para a educação, diz que as perguntas críticas são perguntas pueris, são como as perguntas das crianças, que nos provocam, nos desinstalam, e o interessante é que a gente, sempre, diante dessas perguntas, fica buscando respostas que ainda não temos.

A gente aqui descobre alguns caminhos, mas será muito rico, essas perguntas serão ricas, porque as respostas guardam perguntas. A gente quer continuar nesse sentido. Ademir, acho que você não precisa se desculpar por ser cartesiano e não tem a ver com a filosofia, tanto que você pegou o Descartes matemático, mas não tem jeito de separar a personalidade. É o Descartes mesmo, filósofo, que vai lá nas suas coordenadas matemáticas. Por causa mesmo de falar em Descartes, quero finalizar hoje apontando para o que virá: a Halina fez referência a bell hooks, uma professora, ativista, feminista americana, e que tem um livro que se chama exatamente *Educar para a transgressão*. A Branquinha vai estar no próximo módulo

falando exatamente sobre a educação e a gente vai pensar um pouco disso: educar para a transgressão, a educação como prática da liberdade.

A educação como prática da liberdade é o subtítulo do livro de bell hooks e título de um livro importantíssimo de nosso Paulo Freire. Quero pensar na ideia da transgressão mesmo. Acho que é a marca dessa atitude crítica de que falava a Halina, que eu mencionei. É tentar olhar as coisas de uma maneira diferente, de um ponto de vista que pode ser outro. Recomendo a vocês um livro lindo de Eduardo Galeano, que se chama *De pernas para o ar – a escola do mundo ao avesso*. Ali ele fala de muitos pontos de vista. E Leonardo Boff diz: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”. E a gente acha que o ponto de vista da gente, se não é o único, é o melhor.

Mas o importante é exatamente poder olhar de outro jeito. Guimarães Rosa diz: “E se as unhas roessem os meninos?”. Já pensaram nisso? A gente só pensa no outro lado. Por isso, vou finalizar falando exatamente da tentativa de olhar de um jeito diferente. Kant, que é um

filósofo que tem uma significativa presença na moral, na moralidade, disse uma coisa muito bonita que é repetida continuamente. Ele disse: “Duas coisas me espantam no universo: o céu estrelado sobre a minha cabeça e a lei moral inscrita no meu coração”. Vamos ter tempo para pensar isso depois. O que eu gosto é de trazer junto com ele Ori-des Fontela, uma poeta brasileira da melhor qualidade. Ela tem um poema chamado “Kant relido”, que diz assim: “Duas coisas admiro...” – isso é para você, viu, Halina? – “... a dura lei cobrindo-me e o estrelar do céu dentro de mim”. A dura lei

coabrindo-me, aquela das normas etc., mas que pode ser diferente por causa do céu estrelado.

Na semana passado, Renato Nogueira nos brilhou dizendo que pensar é um ato cardíaco. O coração entra na conversa. Então é assim que a gente quer seguir. No próximo texto, vamos ter o Ricardo Antunes, que vai responder à pergunta se tudo começou com o patrão, com o rei etc. E vamos poder trabalhar um pouquinho isso também. Encerrando este módulo, mas já confirmo e reitero aquilo que Sabrina trouxe: não percam o segundo módulo.

1 INDICAÇÕES DE HALINA MACEDO LEAL PARA REFLEXÃO

FILMES

As sufragistas, A garota dinamarquesa, Efeito borboleta

LIVROS

Problemas de gênero, Judith Butler;
E eu não sou uma mulher?, bell hooks;
Mulheres, raça e classe, Angela Davis;
Ética e pós-verdade, vários autores.

BLOG

Blog *Mulheres na filosofia*
<https://www.blogs.unicamp.br/MULHERESNAFILOSOFIA>

ARTE

Instalação de Grada Kilomba, “*O Barco*”
“*O Barco*” de Grada Kilomba é uma metáfora para “produzir nova memória da escravatura”
BOLA BRANCA / 03.SET. 2021 / LUSA
<https://rr.sapo.pt/noticia/vida/2021/09/03/o-barco-de-grada-kilomba-e-uma-metafora-para-produzir-nova-memoria-da-escravatura/251866/>
Instalação de Grada Kilomba produz “nova memória da escravatura”
CULTURA AO MINUTO / 03.SET.2021 / POR LUSA / CULTURA / “O BARCO”
<https://www.noticiasominuto.com/cultura/1825205/instalacao-de-grada-kilomba-produz-nova-memoria-da-escravatura>